

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

## O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Telviana Domingues da Silva<sup>1</sup>

### Introdução

Ao estudar as relações antagônicas que estão presentes no modo de produção capitalista, suscitou-nos o interesse de conhecermos mais de perto a precariedade das condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, levando-nos a estudar esta categoria de trabalhadores que, devido ao aumento do desemprego, encontram na catação uma saída para obter renda.

No entanto, a decisão definitiva para pesquisar essa categoria surgiu após o exercício da profissão de assistente social na Prefeitura Municipal de Itapema, no Estado de Santa Catarina, entre os anos de 2006 e 2008, na qual a atuação profissional se dava diretamente com os catadores de matérias recicláveis. Primeiramente, atendendo-os no Programa Plantão Social<sup>2</sup>, e depois na organização da COOPERITAPEMA, ou seja, a realização do exercício profissional nessa realidade contribuiu para a formulação de várias indagações teóricas e práticas.

A escolha pelos catadores que realizavam a atividade de catação nas ruas do município de Itapema se deu por compreender que a precarização da força de trabalho é mais intensificada em relação aos catadores que estão no galpão da cooperativa, não que o trabalho dos cooperados não seja precário, mas a intenção desta pesquisa é estudar e analisar a precariedade do trabalho da categoria dos catadores<sup>3</sup> de materiais recicláveis residentes no

---

<sup>1</sup>Assistente Social na Marinha do Brasil, mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, integrante do Núcleo de Estudos sobre o Trabalho – NET/UFES. Endereço eletrônico – teema@hotmail.com.

<sup>2</sup> Vale ressaltar aqui que no Plantão Social os usuários eram atendidos com: cestas-básicas, auxílio leite, auxílio fralda (estes dois só em casos de problemas de saúde), encaminhamentos para confecção de documentos, orientações e encaminhamentos em geral.

<sup>3</sup> O termo catador (a) será usado neste trabalho para denominar os trabalhadores que atuam na coleta de materiais recicláveis. Está é uma conceituação política, definida pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

município de Itapema/SC e não os cooperados.

Para a realização desta pesquisa, fez-se necessário compreender certas categorias, como: ser social, mundo do trabalho, meios de produção, forças produtivas, relações de produção, modos de produção, relações de trabalho, entre outras.

Aqui, entendemos as categorias não como conceitos ou definições formais e abstratas, mas no sentido de que expressam um movimento do real, sendo, portanto, dinâmicas e dotadas de uma substância ontológica.

Com o intuito de nos aproximarmos ao máximo da realidade, para melhor compreendermos as relações de trabalho na categoria dos catadores de materiais recicláveis, optamos pela pesquisa exploratória de caráter qualitativo, na qual a coleta de dados ocorreu através de um contato profundo com uma pequena amostra.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a pesquisa bibliográfica, a observação participante e a entrevista semiestruturada.

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos a pesquisa de campo em três etapas, que aconteceram no primeiro semestre de 2010, mais precisamente no mês de abril.

Nas duas primeiras etapas, entrevistamos os catadores, vale ressaltar aqui, que as visitas foram realizadas a partir das 14 horas, para garantirmos a presença deles nas residências, uma vez que, pela manhã eles saem para fazer a coleta. E na terceira visita, entrevistamos o atravessador. Como iremos abordar melhor, nossa análise se deu pelas falas dos entrevistados, nas quais foi possível conhecer a particularidade dos seus cotidianos de trabalho. Entrevistamos dez catadores residentes no Bairro Jardim Praia Mar, tendo como base um questionário.

## **1 Os Catadores de Materiais Recicláveis**

### **1.1 O município de Itapema - SC**

Iremos fazer uma breve apresentação histórica da cidade de Itapema, pois entendemos que se faz necessária uma melhor compreensão do atual contexto social, econômico e político em que a região escolhida como objeto de estudo está inserida. Para posteriormente entrarmos na pesquisa em si.

O município de Itapema encontra-se situado no litoral norte do Estado de Santa

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Catarina, localizado no Sul do Brasil. Ao norte faz divisa com o município de Balneário Camboriú, ao sul com Porto Belo, ao leste com o oceano atlântico e a oeste com o município de Camboriú.

A cidade é a terceira do Estado que recebe um grande número de turistas e por isso tem um forte potencial neste âmbito. O município não possui atividade industrial significativa, mas mesmo assim, devido à sua localização geográfica e aos aspectos naturais, é nessa restrita atividade que se concentra sua principal fonte de recursos financeiros. Nos meses de alta temporada (entre os meses de dezembro a março) ocorre um incremento no comércio, fator que contribui e fortalece a economia local, além de gerar novos empregos no mercado formal (e informal) de trabalho.

Tal característica socioeconômica tem como resultado a sazonalidade do trabalho e a ausência de vínculo empregatício formal, tornando a força de trabalho um grande exército de biscateiros, que alternam permanentemente o trabalho sazonal/espórádico com o biscate na serventia doméstica, no comércio ambulante ou na prestação de serviços como caseiros e jardineiros.

Itapema foi o município que mais cresceu no Estado de Santa Catarina nos últimos cinco anos. As pessoas, atraídas pelo clima agradável e pela localização privilegiada, mudam-se para o município em busca de uma boa qualidade de vida. E, por ser cidade polo no turismo, Itapema impulsionou a indústria da construção civil, na qual a falácia do emprego faz com que muitas pessoas para lá se desloquem em busca de trabalho e melhores condições salariais.

A população do município, segundo estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2009 era de 36.629 habitantes. Durante o período da temporada esse número aumenta consideravelmente, somando-se uma população flutuante de aproximadamente 245.000 habitantes.

Em uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Turismo no período<sup>4</sup> de 2007 a 2008, calculou-se que passaram pelo município 1.200.000 habitantes, estimativa esta prevista pela quantidade de resíduos sólidos urbanos coletados.

A cidade tem atraído migrantes de todo o Brasil, uma população que quase triplicou

---

<sup>4</sup> Essa pesquisa foi realizada de 15 de novembro de 2007 a 15 de fevereiro de 2008.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

nas últimas três décadas do século passado. Para muitos, a alternativa de sobrevivência se deu por meio do reaproveitamento de materiais recicláveis jogados fora diariamente nos lixos, tanto domésticos, quanto comerciais do município. Adensou-se, assim, como no restante do país, um grupo considerável de trabalhadores informais chamados de catadores.

..., el crecimiento de los núcleos de población, condicionado em muchas ocasiones por la implantación de áreas industriales o el desarrollo de zonas turísticas, la propia intensificación de la producción industrial y el aumento del consumo, nos há llevado a uma situación em la que la cantidad de subproductos generados se há disparado vertiginosamente. Estes subproductos, a los que no se les puede dar ninguna utilidad, se transforman em residuos que se acumulan sin descomponerse cada vez más.<sup>5</sup> (MARTÍNEZ, s/d, p. 203)

Em 2010 o serviço de coleta dos resíduos sólidos urbanos de Itapema estava por conta de uma empresa privatizada (Engepasa Ambiental LTDA.), que tinha a concessão do serviço por 25 anos. A Prefeitura Municipal pagava por mês em média 80 mil reais pelo serviço, sendo que 40 mil estavam destinados ao aterro sanitário<sup>6</sup> localizado no município de Biguaçu, região metropolitana da capital (Florianópolis) do estado de Santa Catarina, localizado há 50 quilômetros de Itapema e, os outros 40 mil, para o gasto com o transporte destes resíduos. Existia uma estimativa de que o município produzia em torno de 20 toneladas por dia de resíduos orgânicos e recicláveis, ou seja, um total de 600 toneladas por mês era depositado no aterro sanitário.

Existiam mais ou menos 300 catadores de materiais recicláveis no município de Itapema e, em torno de 1.500 pessoas viviam indiretamente desta coleta. Como já foi relatado anteriormente, Itapema se baseava na economia turística, então no verão (que acontece de dezembro a março) muitas pessoas iam para trabalhar no município e quando a temporada

---

<sup>5</sup> Citação extraída do artigo: Martínez, Julia Arcos. **Tratamiento de Residuos**. Un Problema Medioambiental y Socioeconómico, s/d. O crescimento dos núcleos de população, condicionados em muitas ocasiões pela implantação de áreas industriais ou o desenvolvimento de zonas turísticas, a própria intensificação da produção industrial e o aumento do consumo, nos tem levado a uma situação em que a quantidade de subprodutos gerados tem aumentado rapidamente. Estes produtos, que não se pode dar nenhuma utilidade, transformam-se em resíduos que se acumulam cada vez mais sem se decompor. (tradução nossa)

<sup>6</sup> O aterro sanitário é uma instalação para a disposição final do lixo e deve ser criteriosamente projetado e localizado. Em qualquer sistema de gerenciamento de lixo, ambientalmente correto, mesmo se forem implantadas outras formas de tratamento, como incineração e compostagem, é indispensável a existência de um aterro sanitário. Isso porque a composição do lixo sempre apresenta um percentual de rejeitos.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

acabava, elas se viam sem emprego e sem nenhuma perspectiva, sendo a coleta de material reciclável a única alternativa.

O poder público municipal preocupado com o número elevado de pessoas envolvidas no ramo da coleta de materiais recicláveis incentivou a criação de uma cooperativa<sup>7</sup> de material reciclável – a COOPERITAPEMA<sup>8</sup>, que tinha como objetivo melhorar a condição de trabalho dos catadores, assim como tirá-los das ruas, na intenção de oferecer um espaço de trabalho mais seguro e “digno”, buscando também a participação na comunidade, a promoção da cidadania, a defesa dos direitos sociais e a geração de trabalho e renda.

Cabe lembrar, que apesar da importância da cooperativa, o foco deste trabalho são os catadores de materiais recicláveis que desenvolvem suas atividades nas ruas, já que esta é uma atividade que pode ocorrer em diversos locais, como por exemplo: em vazadouros, galpões, em usinas de reciclagem e até em lixões.

Delimitando ainda mais nosso universo, a pesquisa foi realizada com os catadores que residem no bairro Jardim Praia Mar, este bairro é o que podemos considerar com maior risco de vulnerabilidade social, a maioria das casas estão em área de ocupação irregular, as famílias são, em sua grande maioria, de baixa renda.

Foi exatamente essa realidade que nos suscitou a enorme vontade de investigar esse segmento de trabalhadores. E será exatamente sobre os catadores que desenvolveremos o próximo item.

## 1.2 Os catadores pesquisados

Foi pensando na precária condição de trabalho dos catadores de materiais recicláveis, prioritariamente pela nossa aproximação enquanto assistente social da Secretaria do Desenvolvimento Social do município de Itapema, que tivemos a iniciativa de pesquisar essa

---

<sup>7</sup> Com a cooperativa, a estimativa é que reduziu em 3% o material entregue no aterro sanitário, quanto ao material coletado pelos catadores de rua, não se sabe qual a porcentagem.

<sup>8</sup> Não faz parte do objetivo deste trabalho a categoria “cooperativa”, assim não iremos nos aprofundar no assunto. Como bibliografia indicamos a quem se interessar pela discussão: CONCEIÇÃO, Marcio Magera. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas, SP: Editora Átomo, 2005, e, MATTOSO, Jorge. O Brasil desempregado. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1999 In CONCEIÇÃO, Marcio Magera. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas, SP: Editora Átomo, 2005.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

categoria.

Nosso interesse investigativo era entender quem eram estes catadores, e como eles poderiam contribuir com elementos significativos, ou não, para o entendimento da precariedade das condições de trabalho dessa categoria. Para tanto perpassamos por várias questões que os envolvem: quem são eles, de onde vieram, como foi a sua trajetória de inserção neste ramo laborativo, para depois analisarmos a precariedade das condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis e seus reflexos no cotidiano.

Nessa pesquisa, fizemos uma entrevista com cada catador, o roteiro de questões era composto por 36 questões, por meio das quais procuramos compreender a rotina de trabalho de cada catador. Para tanto, achamos importante destacar o perfil de todos os entrevistados, pois, entendemos que agindo dessa forma, facilitamos a análise da pesquisa para o leitor.

## **Catador 1:**

Trabalhador com 63 anos, do sexo masculino, casado, tem quatro filhos, não tem os documentos de identificação, perdeu-os quando sua casa pegou fogo, mas informou que os está providenciando, estudou até a segunda série, sabe ler e escrever, nasceu em Paranaguá – PR.

## **Catador 2:**

Trabalhador com 42 anos, do sexo masculino, amasiado, tem dois filhos, não possui os documentos de identificação, pois os perdeu, estudou até a quinta série, nasceu em Anita Garibaldi – SC.

## **Catador 3:**

Trabalhador com 34 anos, do sexo masculino, amasiado, tem sete filhos biológicos, adotou um, são oito no total, possui todos os documentos de identificação, nunca estudou, não sabe ler e nem escrever, nasceu em Guarapuava – PR.

## **Catador 4:**

Trabalhadora com 52 anos, do sexo feminino, casada, tem sete filhos, quanto aos documentos de identificação, não tem o CPF, estudou até a quinta série, sabe ler e escrever.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

Nasceu em Coronel Vivida – PR.

## **Catador 5:**

Trabalhadora com 60 anos, do sexo feminino, viúva, tem três filhos, não tem o CPF, estudou até a segunda série, sabe ler e escreve somente o nome, nasceu em Curitiba – SC.

## **Catador 6:**

Trabalhadora com 43 anos, do sexo feminino, união estável há 23 anos, tem seis filhos, possui todos os documentos de identificação, estudou até a segunda série, sabe ler um pouco, escreve apenas o nome. Nasceu em Guaramirim – SC.

## **Catador 7:**

Trabalhadora com 54 anos, do sexo feminino, casada tem cinco filhos no total, mas dois já são falecidos, possui todos os documentos de identificação, estudou até a primeira série, saber ler um pouco e escrever só soletrando, nasceu em Garuva – SC.

## **Catador 8:**

Trabalhadora com 55 anos, do sexo feminino, casada, o esposo trabalha como servente de pedreiro tem dois filhos biológicos e cinco adotivos, possui todos os documentos de identificação, nunca estudou. Nasceu em Pedrinhas – SP.

## **Catador 9:**

Trabalhador com 55 anos, do sexo masculino, tem união estável há 33 anos, tem sete filhos, mas dois já são falecidos, possui todos os documentos de identificação, estudou até a quarta série, nasceu em São João Batista – SC.

## **Catador 10:**

Trabalhador com 64 anos, do sexo masculino, casado, tem cinco filhos, possui todos os documentos de identificação, estudou até o segundo ano do ensino médio. Nasceu em Santo Ângelo – RS.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Assim, no próximo item iremos conhecer a realidade vivenciada pelos catadores de materiais recicláveis e também iremos ter elementos para analisar a luta diária pela garantia da subsistência, uma vez que, como já abordado neste trabalho, são trabalhadores que não conseguem ter acesso ao mínimo das garantias trabalhistas como também a inserção na proteção social se dá de forma residual.

### 1.3 O trabalho dos catadores de materiais recicláveis

Podemos dizer que a atividade do catador de material reciclável existe no Brasil, desde o início do século XX, começou pelos imigrantes portugueses, na figura do “velho garrafeiro”, que trocava pequenas mercadorias por garrafas de vidro e vivia da venda delas. A partir de 1950, com o desenvolvimento da indústria no Brasil, o material coletado passa a não ser somente as velhas garrafas e o “velho garrafeiro” se transforma no catador de rua de materiais recicláveis<sup>9</sup>.

As refrações da questão social, criadas da exploração do capital sobre o trabalho, significam a essência dialeticamente contraditória de sofrimento e conformismo frente à realização das pessoas que sem qualquer outra opção, passaram a trabalhar com o resultado do fim do processo de produção de mercadorias – o material reciclável<sup>10</sup>.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico realizada pelo IBGE em 2000, coletam-se no Brasil diariamente 125,281 mil toneladas de resíduos domiciliares e, 52,8% dos municípios brasileiros dispõem seus resíduos em lixões<sup>11</sup>.

Esta mesma pesquisa traz que a estimativa é de que um em cada 1.000 brasileiros é

---

<sup>9</sup> Fonte: <<http://comlurb.rio.rj.gov.br>>. Acesso em: 9 set. 2010.

<sup>10</sup> Identificam-se como refração os problemas decorrentes pela falta de emprego com carteira assinada; a impossibilidade de um salário diante de um acidente de trabalho; a falta de salário maternidade; a inconstância no valor recebido mensalmente; a falta de condições para a manutenção da residência e da família; moradia precária; poucas opções de lazer. A pouca experiência profissional, a idade avançada, problemas com a justiça, a falta de escolarização, a inexistência de um trabalho formal, todas essas condições fazem com que as pessoas optem, ou não, por ser um catador de materiais recicláveis.

<sup>11</sup> Estima-se que diariamente produz-se 2 milhões de toneladas de resíduos sólidos domiciliares no mundo, o que ao ano significa 730 milhões de toneladas (série “O desafio do Lixo”, TV Cultura). Nos países do norte do hemisfério, a média de geração de resíduos por habitante é bastante superior a de países do sul: o Canadá chega a produzir 1,9 kg por pessoa/dia, os Estados Unidos 1,5 kg por pessoa/dia, na Índia já desce para 0,4 g por pessoa/dia e no Brasil a média é de 0,7 kg por pessoa/dia. De fato, em alguns segmentos sociais mais pobres, com poder aquisitivo mínimo, este número pode baixar para 0,3 g ou até menos. Em geral, nos países mais pobres, a média oscila entre 0,4 e 0,9 kg/dia por habitante (OMS, 1995). No Brasil, produz 130 mil toneladas de resíduos domiciliares ao dia. Por ano são 47,5 milhões de toneladas. (<http://www.polis.org.br/>)

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

catador. E três em cada 10 catadores gostariam de continuar na cadeia produtiva da reciclagem mesmo que tivessem alternativas, como podemos notar na fala do catador 1: “Eu trabalhava como servente, não tinha vínculo empregatício, eu ganho mais agora como catador do que antes, trabalho como catador há três anos, e escolhi a catação como meu trabalho atual, porque é um modo de viver.”

O catador de material reciclável foi uma das categorias que mais cresceu nos últimos anos. São trabalhadores cruzando diariamente ruas e avenidas em cima de suas carroças, puxando carrinhos ou simplesmente carregando sua “matéria-prima” dentro de sacolas em seus ombros.

Assim, o trabalho dos catadores de materiais recicláveis realiza-se em condições bastante precárias e indignas, sendo comum encontrar famílias inteiras de catadores separando materiais recicláveis, ficando expostos aos mais diversos riscos de saúde, pois lidam com cacos de vidro, ferros retorcidos, resíduos químicos e tóxicos, sujeitos a acidentes e doenças<sup>12</sup>. Para Rodrigues (apud JUNCÁ, 2004, p. 14 *In* ZACARIAS; BAVARESCO, 2009, p. 304), o lixo “funcionando como abrigo e local propício à proliferação de animais, pode se configurar como uma importante via de transmissão de doenças como peste bubônica, tifo, leptospirose, salmonelose, febre amarela, malária, dengue, leishmaniose.”

Para explicitar melhor esse cenário, podemos citar o catador 3 de nossa pesquisa:

Eu tenho sete filhos e adotei mais um, somos em oito crianças e dois adultos, eu faço a separação e estocagem do material coletado aqui em casa, vendo semanalmente o material pré-separado para o depósito A, a casa aqui é própria, de madeira, o terreno é em área de ocupação, tem água encanada, luz elétrica, pois comprei o fio de um vizinho distante, pois aqui na região em que moro não existe ponto de iluminação pública, não tem esgoto, e a fossa é a céu aberto, e não tem coleta de lixo também. Moramos em dez pessoas aqui em casa, a renda é de mais ou menos 900,00, faço a coleta sozinho.

---

<sup>12</sup> Cabe lembrar que a saúde do trabalhador é um dos campos de atuação do Sistema Único de Saúde (SUS). A Lei Orgânica da Saúde, nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, em seu parágrafo 3º estabelece que a saúde do trabalhador é um conjunto de atividades que se destina, através de ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho. Entre os determinantes da saúde dos trabalhadores, estão compreendidos não apenas os fatores de risco ocupacionais – físicos, químicos, biológicos, mecânicos e ergonômicos, mas, também, os condicionantes sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais responsáveis por situações de risco para a saúde e a vida.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Ou ainda, conforme o catador 1:

Eu saio para catar um dia sim, um dia não, se sair todo dia judia de mais do animal, geralmente saio de casa para fazer a coleta às 6 horas e retorno às 10 horas, utilizo uma carroça e um cavalo, cato todos os materiais, menos o cisco<sup>13</sup>, faço a coleta por todo o município. Eu separo o material aqui em casa. A casa é própria, de madeira, em área de ocupação, temos água encanada e fossa, não temos luz elétrica, esgoto, iluminação pública e coleta de lixo, residimos em sete pessoas e a renda familiar é de mais ou menos 300,00, eu e a minha esposa fazemos a coleta.

Pudemos observar, que mesmo os catadores realizando a atividade sozinhos, toda a família convive com o material coletado, pois como a estocagem e a pré-separação são realizadas no espaço da residência, todos os membros acabam se envolvendo, direta ou indiretamente. Por morarem em área de ocupação, os serviços básicos não são oferecidos, principalmente a coleta de resíduos sólidos, produto este que muitas vezes vem misturado com o material reciclado, mas que uma vez catado pelo catador, não tem mais destino final, a não ser ficar no próprio terreno formando uma espécie de lixão, que foi o que observamos na residência do catador 3.

Assim, fica claro o quanto é grave este quadro social que envolve a presença de crianças, adolescentes e adultos que vivem da coleta de materiais recicláveis para extraírem sua sobrevivência. E o debate em torno das mudanças referentes ao mundo do trabalho nos leva a pensar sobre os impactos destas mudanças nas famílias.

Para Gonçalves:

A atividade de catação pode ser compreendida como resistência e busca de sobrevivência daqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho local, em consequência da ausência de ofertas de vagas, bem como da baixa escolaridade e qualificação profissional de alguns contingentes populacionais, [...]. Além disso, os mesmos prestam um serviço à sociedade que não é reconhecido, pois reduzem os impactos ambientais do lixo e da exploração de recursos naturais não-renováveis. (GONÇALVES, 2005, p.94)

---

<sup>13</sup> Cisco: são materiais misturados com lixo orgânico, que não tem valor na reciclagem.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Vejamos como foi a posição dos catadores no que tange essa questão:

Conforme a catadora 6:

Antes de começar na reciclagem, eu trabalhei dois anos em uma fábrica que embalava alimentos, era registrada, depois comecei a fazer faxina, mas através do meu marido, comecei a coletar materiais recicláveis, ele começou e eu fui junto, já estamos a 22 anos catando, eu acho a reciclagem muito importante porque ajuda a limpar a cidade.

Complementa a catadora 7:

Trabalho com a reciclagem há mais de 20 anos, antes eu trabalhava em uma firma, mas não cheguei a ser registrada, eu acho a catação importante porque é o ganha pão, imagina se não fosse isso, eu ia viver do que? Escolhi a reciclagem porque não tinha outro serviço, não pegam em outra coisa, faz mais de dez anos que fui excluída do serviço.

Em 2002 a Classificação Brasileira de Ocupações<sup>14</sup> (CBO) reconheceu o trabalho do catador como profissão, o que não significou uma melhora na qualidade do trabalho para a categoria, que continua na precariedade, além do preconceito que sofrem pela sociedade.

Cabe ao catador de materiais recicláveis<sup>15</sup>, catar, selecionar e vender os materiais como: papel, papelão, vidro, alumínio, bem como materiais ferrosos e não ferrosos, além de outros materiais reaproveitáveis.

Os catadores vendem os materiais para os intermediários<sup>16</sup>, também chamados de atravessadores (os preços praticados pelos intermediários na compra dos materiais costumam ser extremamente baixos).

Segundo o catador 1:

Eu cato todos os materiais, menos o cisco, faço a coleta por todo o

---

<sup>14</sup> Documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro.

<sup>15</sup> Podemos classificar os catadores em: *Trecheiros*: que vivem no trecho entre uma cidade e outra catam lata pra comprar comida. *Catadores do lixão*: catam diuturnamente, fazem seu horário, catam há muito tempo ou só quando estão sem serviço de obra, pintura, etc. *Catadores individuais*: catam por si, preferem trabalhar independentes, puxam carrinhos muitas vezes emprestados pelo dono do depósito. *Catadores organizados*: em grupos autogestionários onde todos são donos do empreendimento, legalizados ou em fase de legalização como cooperativas, associações, ONGs ou OSCIPs.<sup>15</sup>

<sup>16</sup> Os intermediários são os que atuam na compra de materiais recicláveis para posterior venda as empresas de reciclagem, chamados de sucateiros, ferro-velho, depósitos, aparistas. Uma parcela significativa das empresas que atuam neste negócio o faz de forma irregular e frequentemente pagando aos coletores preços aviltantes ou gerando dependência dos mesmos de formas variadas. (GRIMBERG, 2007 *In* Publicações Pólis, n. 49)

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

município. Eu separo o material em casa, ganho uma média de 15 reais na venda do material, vendo de três em três dias, e por mês ganho uma média de 250,00, cato em média 30 quilos de material por coleta. Vendo o material para o depósito A<sup>17</sup>. Ele paga pelo ferro 0,20, pelo papelão 0,20, pelo pet 0,30 e pela latinha 1,60<sup>18</sup>, já o alumínio é difícil de aparecer.

Segundo a catadora 5:

Eu cato tudo, menos o caco<sup>19</sup>, porque não querem comprar mais, faço a separação do material em casa, vendo diariamente o material coletado, tiro menos que 10,00 por dia, vendo o material para o depósito B e C, não vendo para um fixo, não sei quanto por quilos eu cato. Geralmente me pagam pelo ferro 0,12, pelo papelão 0,12, pelo plástico duro 0,40, pelo plástico mole 0,20, pelo litro 0,05, pelo latinha 1,50, pelo vidro em conserva pequeno 0,10 a unidade e pelo vidro de conserva grande 0,20 a unidade.

Ao analisarmos as falas dos catadores, percebemos que os preços pagos pelos materiais costumam ser muito baixos, os catadores geralmente trabalham com centavos, mas para os donos dos depósitos, os preços pagos pelos materiais são os preços justos, os preços do mercado. A relação com o setor da indústria da reciclagem desfavorece o catador na hora da compra dos materiais, pois como tem que vender para o atravessador, o preço pago para o catador é bem inferior ao que poderia ser caso ele negociasse diretamente com a indústria.

Assim, o papel do atravessador é intermediar a relação de compra e venda do material reciclado, o que desfavorece o catador, pois o valor pago sofre uma queda, uma vez que passa por diversos “setores” antes de chegar à grande indústria.

Assim, no intuito de aumentar a renda familiar, as famílias de catadores incluem seus filhos no processo de coleta, o que torna cada vez mais precário o trabalho. Este cenário é, em grande medida, reflexo da situação de miséria na sociedade atual, que vem se acentuando pelas condições estruturais e conjunturais, colocando crianças, adolescentes e famílias em condições de vulnerabilidade e de não acessibilidade aos direitos básicos de sobrevivência.

---

<sup>17</sup> No município de Itapema existem três depósitos que compram e vendem materiais recicláveis, dois deles localizados no bairro em que a pesquisa foi realizada, um terceiro depósito no bairro Morretes, vizinho ao Jardim Praia Mar, mas no decorrer da entrevista surgiu um quarto depósito, localizado no município de Tijucas, vizinho ao município de Itapema, assim estão sendo citados respectivamente como: depósito A, depósito B, depósito C e depósito D.

<sup>18</sup> Os materiais recicláveis são vendidos por quilo, com exceção de alguns que quando são por unidade estão especificados.

<sup>19</sup> Caco é o nome dado ao vidro considerado de segunda, este material não tem saída na reciclagem.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Vejam os relatos da catadora 8: “Moramos em cinco pessoas e a renda é de mais ou menos 900,00. Eu saio para catar com meus dois filhos, um de dezesseis e outro de oito anos”.

Já o catador 9 verbalizou: “Moramos em cinco pessoas, a renda familiar é de aproximadamente 900,00, quem cata aqui em casa sou eu e meus dois filhos, um de dezoito e um de dezesseis anos”.

Percebe-se que essa parcela da população, além de não ter acesso aos direitos básicos de sobrevivência, está totalmente desprovida dos direitos trabalhistas, pois está inserida no mercado de trabalho informal e desprovida de qualificação técnica e pessoal, requisitos básicos para a possibilidade de (re) ingresso no mercado de trabalho formal, mesmo sabendo que estes requisitos não passam de uma falácia, falácia esta imposta pelo modo de produção capitalista, pois existe um contingente enorme de força de trabalho qualificada, o que não significa uma redução na taxa do desemprego.

Jakobsen (2000) afirma que no Brasil<sup>20</sup> a condição de cidadania não é universal e está associada ao modo de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho. Ao ingressar no setor informal, os trabalhadores se convertem em uma espécie de “cidadãos de segunda classe”, perdendo inclusive o acesso a direitos garantidos pela Constituição brasileira, como é notável quando o catador 1 nos diz: “Nunca paguei o INSS”.

Já a catadora 5 disse o seguinte: “Quem pagava o INSS para mim era o meu cunhado, mas agora não sei se ele continua pagando”.

Quanto ao catador 8: “Eu já contribuí para o INSS, mas agora não contribuo mais” e, complementa o catador 9: “Recebo o Benefício da Prestação Continuada – BPC<sup>21</sup>, pois sofri um acidente de moto e perdi a perna direita”.

A categoria dos catadores de materiais recicláveis, de certa forma, não é vista como

---

<sup>20</sup> Lembramos também que tal situação acontece em toda a América Latina e nos demais países em desenvolvimento.

<sup>21</sup> O Benefício da Prestação Continuada – BPC é garantido pela Constituição Federal de 1988, presente na Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS (Lei nº 8742 de 7 de dezembro de 1993) e consiste no pagamento de 01 (um) salário mínimo mensal a pessoas com 65 anos de idade ou mais e a pessoas com deficiência incapacitante para a vida independente e para o trabalho. Em ambos os casos a renda *per capita* familiar tem que ser igual ou inferior a ¼ do salário mínimo. O benefício é gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), a quem compete sua gestão, acompanhamento e avaliação e ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), compete a sua operacionalização. Este benefício é independente de contribuição previdenciária.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalhadora, no entanto, contraditoriamente, os catadores conseguem construir suas representações como “trabalhadores” para satisfação das suas necessidades imediatas, mesmo sendo essa atividade desprovida dos direitos provenientes do trabalho formal.

O aumento do desemprego é um dos fatores para que esta parcela da população considerada como “sobrante” (CASTEL, 1997 *apud* JUNCÁ, 2000, p. 135) não encontre outra forma de sobrevivência a não ser a inserção no mercado informal de trabalho, estando sujeita à ausência absoluta de direitos trabalhistas.

O desemprego se transformou em um indispensável elemento explicativo dos problemas de transformação econômicos e sociais, os fatos comprovam uma degradação de uma parcela crescente da população ativa. Surge à seletividade dos trabalhadores/as e, assim, o sistema assume isso como estratégia para descartar os trabalhadores/as para os quais ele não consegue fornecer trabalho produtivo. Com a elevação da taxa de desemprego, é visível o aumento do trabalho feminino no ramo da coleta seletiva.

Vejamos os seguintes depoimentos:

A catadora 5, por exemplo, relatou:

Antes de eu começar na catação eu trabalhava como doméstica, e eu ganho mais agora do que antes, trabalho catando há oito anos. Comecei a catar porque fiquei doente e não podia mais exercer a função de doméstica, e agora eu gosto porque eu vejo como um serviço honesto.

A catadora 8 também confirmou uma situação parecida ao relatar o seguinte: “Já trabalhei como doméstica e saladeira, sempre sem registro na carteira de trabalho. Comecei a catar porque não acho outro serviço”.

Isso demonstra que, apesar do mundo do trabalho ter permitido a intensificação do emprego da força de trabalho feminina, essa força se dá nos espaços laborais mais precários e com ausência de direitos, como afirma Nogueira (2004) em seu livro *A feminização no Mundo do Trabalho*.

Além dessa dimensão, está presente também no cotidiano da categoria um caráter sazonal. Podemos dizer que a questão sazonal se dá em dois sentidos: no primeiro, os trabalhadores durante a alta temporada deixam de lado a atividade de catação para suprir a demanda do verão, exercendo então as mais diversas funções. Em segundo, no inverno, reduz-

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

se a necessidade de força de trabalho e estes trabalhadores voltam a exercer a catação. Outro sentido para essa profissão é a oscilação na quantidade de materiais, que de certa forma, também explicita um vínculo sazonal: durante o verão o número de materiais coletados aumenta muito, já no inverno, este número diminui, causando até certa “rixa” entre os catadores.

Essa realidade fica explícita quando a catadora 4 afirma: “Antes de ser catadora eu trabalhava como doméstica, nunca fui contratada, trabalho catando há oito anos, comecei a catar porque sempre que acabava a temporada eu ficava desempregada, agora eu não posso me queixar.”

E a catadora 6 complementa: “Eu cato junto com meu esposo, nós viemos de Tijucas, porque o campo de reciclagem aqui é maior, acho porque aqui é praia né, vem mais gente.”

Outro elemento importante, presente no nosso universo pesquisado é o quanto a rotina diária do catador é exaustiva, além de ser, claro, realizada em condições precárias. Conceição, ao analisar esse elemento, afirma que:

Muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, visto as condições a que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de 4 toneladas por mês), e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia, *sendo, no final, muitas vezes explorados pelos donos dos depósitos de lixo* que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhe um valor simbólico insuficiente para sua própria reprodução como catador de lixo. (CONCEIÇÃO, 2005, p.34, grifo nosso)

Vejamos o que obtivemos de resposta dos catadores entrevistados 4, 5 e 8, consecutivamente, frente a essa situação:

Eu saio para catar todos os dias, saio às 8 horas e retorno às 14 horas, utilizo uma carroça e cavalo, os dois são meus, são próprios, eu cato todos os materiais, faço a coleta por todo o município.

Eu saio todos os dias na parte da tarde, fico uma média de cinco horas catando, entre os bairros Morretes e Meia Praia, utilizo a gaiota<sup>22</sup> como instrumento de coleta, ela é minha, é própria, mas muito pequena em relação

---

<sup>22</sup> Gaiota é nome dado ao carrinho utilizado na coleta dos materiais.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

às outras.

Eu cato só nos finais de semana, saio cedo, saio às 7 horas e volto ao meio dia, dia de semana em fico em casa com os filhos. Para catar utilizo uma gaiota, que é do atravessador do depósito B, cato todos os tipos de materiais, acho que em cada saída pego em torno de 50 quilos de material.

Cabe lembrar que a jornada de trabalho dos catadores de materiais recicláveis não se resume ao momento em que está na rua fazendo a coleta, mas também no momento da seleção, pois o catador leva em torno de duas horas para selecionar o material e colocar em fardos para que seja vendido ao depósito.

Analisando a citação de Conceição (2005) e, observando a realidade dos entrevistados, confirmamos a precariedade do processo de trabalho dos catadores, ou seja, os catadores realizam seu processo de trabalho num contexto caracterizado pela ausência total de proteção social.

Ao revirarem lixeiras à procura do que pode ser sua matéria-prima, os catadores ficam em contato direto e diário com materiais que podem provocar sérios danos à saúde. Eles têm os seus corpos expostos à contaminação de produtos químicos, materiais perfurantes como vidros quebrados ou outros objetos pontiagudos que podem causar corte na pele, animais mortos, lixo hospitalar, picadas de insetos e mordida de animais, além de acidentes por atropelamento em vias públicas.

A precariedade do trabalho é acentuada ao máximo, os trabalhadores, expostos ao sol ou chuva, coletam material, convivem com o mau cheiro dos gases que exalam do lixo acumulado e também com urubus e moscas em grande quantidade.

Vejamos o que afirmou a catadora 8: “Eu trabalho na catação há três anos, é um trabalho difícil, se chove não dá pra catar, se chove uma semana não dá pra catar”.

Em nossa pesquisa, observamos que os catadores não usam meios ou instrumentos de proteção, apesar de conhecerem os riscos presentes na atividade que executam. Trata-se de uma situação agravada por não fazerem uso de equipamentos de proteção individual, como luvas e botas apropriadas. Em uma das entrevistas, surgiu a preocupação com o cavalo, talvez possamos dizer que existe uma relação de estranhamento, na qual o trabalhador não se reconhece enquanto tal e não ficando preocupado consigo mesmo, mas com o seu instrumento

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
www.estudosdotrabalho.org

de trabalho que, neste caso, é a carroça e o cavalo.

Segundo o catador 1: “Trabalho um dia sim, um dia não, faço essa rotina em função do cavalo, se sair todo dia judia de mais do animal”.

O não uso de instrumentos de proteção agravam ainda mais esta situação. Não é preciso citar todas as doenças às quais os catadores estão sujeitos entrando em contato com o lixo, pois a própria precariedade deste processo de trabalho já alerta para a necessidade de uma atenção diferenciada a esta população.

Estes trabalhadores sofrem em seu cotidiano discriminações e até mesmo humilhações pelo trabalho que realizam, carregam estigmas de: mendigos, marginais, sujos, ladrões, etc. Pois pelo fato de utilizarem o lixo como meio de sobrevivência, produto já descartado pela sociedade, e que deve ser posto em locais distantes, tanto pelo cheiro que exalam como pelo aspecto, estes catadores carregam o estigma do seu próprio objeto de trabalho.

O aspecto social do catador é determinado pelo próprio contexto do trabalho informal e sem proteção previdenciária.

Já sabemos que, com a organização do trabalho no modo de produção capitalista, o homem passou a buscar nos grandes centros urbanos, melhores possibilidades de trabalho e assim também condições mais dignas de vida.

Ao abordar, nas entrevistas, a trajetória dos catadores, dois elementos foram citados: o primeiro é o que acabamos de descrever acima, mesmo Itapema não sendo um grande centro, as pessoas acreditam que é um lugar com mais qualidade de vida e o segundo elemento é a busca por um dos membros familiares, pois para Goldani (2002, p. 29) o trabalho e a família são os eixos organizadores da vida de homens e mulheres.

Podemos dizer também que os catadores de materiais recicláveis apresentam histórias de vida singulares, que têm em comum as marcas de um processo de “exclusão social”, entendida como processo que envolve trajetórias de vulnerabilidade, fragilidade e precariedade nas dimensões do trabalho e da vida social.

Conforme podemos analisar nas seguintes falas:

O catador 1, por exemplo, falou: “Escolhi vir para Itapema porque minha filha já morava aqui no município”.

Já o catador 2 disse: “Vim para Itapema porque lá em Anita era pior que aqui”.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

Quanto ao catador 3: “Vim de Porto Alegre para Itapema, logo após que conheci a esposa, com a intenção de um lugar melhor para criar a minha família”.

A catadora 4 afirmou: “Vim de Chapecó para Itapema por causa de serviço”.

E o catador 10: “Eu e minha esposa viemos para Itapema porque o nosso filho mais velho já morava aqui no município”.

Os trabalhadores inseridos no ramo da catação dispõem de baixa escolaridade, pouca ou nenhuma qualificação formal, obtendo capacitação profissional quase que exclusivamente pela via da experiência e vendo-se obrigados a exercer as funções onde há vagas disponíveis. Poucas são as opções que têm se apresentado a estes trabalhadores para que possam fugir da base de renda de um salário mínimo por mês e o que eles fazem é construir estratégias de sobrevivência.

Conforme o depoimento do catador 10:

Eu trabalhava como motorista em uma empresa de transporte, sempre como contratado, mas sofri um acidente de trabalho, onde tive meu braço esquerdo amputado, fui aposentado por invalidez. Trabalho com a catação há sete anos, foi a maneira mais fácil de trabalho, pois não tinha outra opção, e o que eu ganho de aposentadoria (um salário mínimo) é insuficiente, agora eu complemento a renda. Faço a coleta três vezes por semana, tiro uma média de 15,00 por dia, e em torno de 200,00 por mês, e a renda familiar é em média 700,00.

Outro elemento que podemos destacar são os catadores que acumulam funções no objetivo de aumentar a renda familiar, ou seja, exercem duas ou até mais atividades laborais, sempre na intenção de melhorar a qualidade de vida.

Segundo o catador 2:

Eu trabalho como catador e pedreiro, exerço as duas profissões, como pedreiro ganho uma média de 80 reais por dia e como catador ganho mais ou menos isso também, trabalho na catação há 15 anos, eu cato materiais recicláveis como complemento de renda. Na catação utilizo uma carroça com cavalo, os dois são meus, também faço frete para auxiliar na renda. Lá em casa moramos em quatro pessoas, a renda familiar é de mais ou menos 500,00, isso num mês bem trabalhado.

E complementa o catador 3:

Trabalho de catador e de jardineiro, me divido entre as duas, como

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

jardineiro eu ganho mais, aí cato material reciclável como um complemento de renda, já faço isso há oito anos. Utilizo na catação uma carroça com cavalo, que são meus, também faço frete para auxiliar na renda. Ganho uma média de 50,00 por venda, moramos em dez pessoas aqui em casa, e a minha renda é de aproximadamente 900,00.

Algo que também nos chamou a atenção nesta pesquisa foi o número de pessoas entre 40 e 65 anos inseridos na realidade do trabalho informal, mais precisamente no ramo da catação. Com o aumento da expectativa de vida da população e conforme as projeções que apontam para um aumento do número de idosos para os próximos anos, esta situação ganha notoriedade, agravada pela precariedade das políticas públicas e pela previsão da crise previdenciária decorrente da diminuição do trabalho formal e do aumento da população que dependerá dos benefícios previdenciários. Dos dez entrevistados, nove tem entre 40 e 65 anos.

Essa realidade nos faz lembrar o que Antunes afirmou em relação a uma nova categoria:

[...] “os novos subproletários do mundo”, que são representados pelo trabalho feminino mal remunerado, pelos jovens sem experiência no mercado de trabalho e pelos trabalhadores considerados “velhos”, segundo a ótica do capital, os quais são tidos como descartáveis pelos empregadores e sem outras oportunidades, vão aumentar a massa dos desocupados. (ANTUNES, 2001, p. 195 *apud* LARA, s/d, p.2)

## 1.4 O espaço privado do catador

Devido ao baixo preço dos materiais recicláveis, o acúmulo de material nas residências, ou em terrenos, ocorre enquanto há espera de um momento bom para ser transformado em dinheiro, isto é, até que a mercadoria esteja com um bom preço no mercado para ser vendida e isto faz com que o ambiente de moradia, ao servir de depósito, acabe prejudicado. Os materiais são estocados fora e, muitas vezes, dentro de casa. Isso influencia na higiene, no aspecto da residência, na privacidade.

Segundo a catadora 4: “Faço a separação e estocagem em casa, vendo o material mensalmente para o depósito A, ganho em torno de 380,00”.

E complementam as catadoras 6 e 7 consecutivamente:

Eu faço a separação e estocagem do material aqui em casa, entrego

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

quinzenalmente para o depósito D, ganho em torno de 20,00 por dia e de 250,00 a 350,00 em cada quinzena, acho que minha produção diária gira em torno de 50 quilos.

Eu faço a seleção e a estocagem em casa, fica aqui até o caminhão vir pegar, vendo o material por quinzena para o depósito A, em cada venda tiro uma média entre 150,00 a 180,00, quanto à produção diária não sei informa, eu cato e vou amontoando.

Dessa forma, os catadores, em função do baixo retorno financeiro, residem, em sua maioria, em áreas de ocupação, sem infraestrutura ambiental ou saneamento básico de qualidade, como é o caso do Jardim Praia Mar. Vejamos os depoimentos dos catadores 1 e 2:

Moro em casa própria, de madeira, o terreno está em área de ocupação, tem água encanada e fossa, mas não tem luz elétrica, esgoto, iluminação pública e coleta de lixo.

Tenho casa própria, de madeira, o terreno está em área de ocupação, aqui em casa não tem água encanada, uso um rabicho, não temos luz elétrica, uso vela para iluminar, pois não tem iluminação pública deste lado da rua, não tem esgoto, nem coleta de lixo e a fossa é a céu aberto.

Neste bairro, a reciclagem prevalece como atividade principal das famílias que ali residem. Os catadores citados a seguir apresentam uma melhor condição de habitação, mas o que não significa que não estejam inseridos no contexto de precarização que a profissão apresenta.

Vejamos o que nos contou o catador 9: “Moro em casa própria de madeira, tem água encanada, luz elétrica, fossa séptica e coleta de lixo”

Quanto ao catador 10: “Resido em casa própria, de madeira, tem água encanada, luz elétrica, fossa séptica e coleta de lixo”.

Cabe destacar que no município de Itapema não existe nenhum programa habitacional que contemple diretamente os catadores, pois como muitos deles já possuem casa própria, apesar de situadas em área de ocupação, deveria então ser executado um programa de regularização fundiária. O incentivo do poder público está voltado somente para os catadores que estão inseridos na COOPERITAPEMA. Os catadores citados na pesquisa, como os demais, acessam aos programas previstos no Sistema Único de Assistência Social – SUAS,

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

principalmente o Plantão Social.

Não existe nada que fortaleça a figura do catador como trabalhador inserido na cadeia produtiva da reciclagem. Eles são esquecidos e não são vistos como atores históricos da gestão de resíduos, quando existe algum incentivo ele é de amparo, de tutela, uma vez que em muitas situações os catadores são vistos como incapazes e o apoio que recebem se resume a uma cesta básica e ao assistencialismo.

## 2 Considerações Finais

Ao fecharmos uma primeira análise, uma vez que não pretendemos que este estudo termine por aqui, vale ressaltar que nosso primeiro objetivo foi concluído, pois pretendíamos analisar a intensificação da precariedade das condições de trabalho na categoria dos catadores de materiais recicláveis e seu reflexo no cotidiano.

Chegamos à conclusão de que realmente a atividade dos catadores acontece de forma extremamente precária, mas não ocorre uma intensificação dessa precarização.

Mas podemos analisar este contexto em duas formas, tanto individual quanto coletiva, não existe uma intensificação da precariedade, pois já é um trabalho precário, mas ao analisarmos no individual e compararmos com as funções desenvolvidas anteriormente por estes trabalhadores, podemos dizer que existe uma intensificação, como é o caso da catadora 8, anteriormente trabalhava como saladeira, mesmo sem registro na carteira, logo sem acesso a proteção social, mas tinha um salário pré estabelecido e uma jornada de trabalho também pré estabelecida, agora como catadora, não tem salário, pois não existe relação de assalariamento e muito menos jornada de trabalho estabelecida, ou seja, houve uma intensificação enquanto trabalhadora individual, o que é diferente de falarmos de uma intensificação no trabalho da categoria.

Os catadores estão inseridos na lógica do modo de produção capitalista, mas não estão inseridos na produção capitalista. Afirmamos isso, pois ao observarmos os catadores, podemos compreender que a lógica da informalidade, hoje muito bem estabelecida, faz com que os direitos trabalhistas, que como já sabemos que com a acumulação flexível sofreu um desmonte, agora descaracteriza até mesmo a figura do trabalhador, que não consegue mais trocar sua força de trabalho, mas sim, só realizar o valor através da troca das mercadorias.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

O trabalho está no centro do processo de humanização do homem. Ao trabalhar com os catadores de materiais recicláveis, podemos perceber, que a ideia de um trabalho mesmo que em condições precárias, ocupa um eixo central e estruturante em suas vidas.

Os catadores veem o processo de coleta como única alternativa de garantir sua sobrevivência e a de sua família. Na ausência da carteira assinada ou de um “trabalho digno”, estar inserido no ramo da coleta seletiva significa estar vivo, enfim de se manter vivo, mas um se manter vivo relacionado ao acesso à cidadania, a justiça, a igualdade, a liberdade, e ao direito.

Assim, a centralidade do trabalho está presente em todas as relações, influenciando também na elaboração de políticas públicas voltadas, segundo Antunes (2007), a *classe-que-vive-do-trabalho*. Ou ainda, para este mesmo autor ao citar Tosel (1995): “a centralidade do trabalho abstrato que produz a não centralidade do trabalho, presente na massa dos excluídos do trabalho vivo”, que, uma vez (des)socializados e (des)individualizados pela expulsão do trabalho, “procuram desesperadamente encontrar formas de individuação e de socialização nas esferas isoladas do não-trabalho (atividade de formação, de benevolência e de serviços)”.

Na atual fase de precarização do trabalho, os trabalhadores acabam aceitando as piores condições de trabalho para sobreviverem, pois muitos dispõem de baixa escolaridade, pouca ou nenhuma qualificação formal, o que acaba diminuindo as opções de trabalho. Sabemos que a escolaridade e a qualificação não garantem emprego, mas aqueles que não possuem uma “inserção mínima” no mundo do trabalho pela sua especialidade técnica condensam os contingentes de pobres e miseráveis do Brasil.

Através da pesquisa identificamos que os catadores são trabalhadores em busca da sobrevivência. Assim, é fundamental que outras pesquisas e trabalhos sejam desenvolvidos tendo como foco o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, principalmente no que tange as relações de trabalho. Tais pesquisas e trabalhos podem contribuir para a melhoria dos meios e condições de trabalho em que os catadores estão inseridos atualmente por todo país, bem como para o reconhecimento social desses trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 12. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

BRASIL. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Política nacional de assistência social**. Brasília, 2004.

CONCEIÇÃO, Marcio Magera. **Os empresários do lixo**: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas, SP: Editora Átomo, 2005.

GONÇALVES, Raquel de Souza. Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país. In: **Serviço Social e Sociedade**. n. 82. São Paulo: Cortez, 2005.

GRIMBERG, Elisabeth. **Coleta seletiva com inclusão social**: fórum lixo e cidadania na cidade de São Paulo. Experiências e desafios. São Paulo: Instituto Pólis, 2007 (Publicações Pólis, 49)

GOLDANI, Ana Maria. **Família, gênero e políticas**: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 19, n. 1. jan/jun. 2002.

JUNCA, Denise Chrysóstomo de Moura. Da cana para o lixo: um percurso de desfiliação? In: **Serviço Social e sociedade**. n. 63. São Paulo: Cortez, 2000.

JAKOBSEN, Kjeld; MARTINS, Renato; DOMBROWSKI, Osmir (orgs.); SINGER, Paul; POCHMANN, Márcio. **Mapa do trabalho informal**: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

LARA, Ricardo. **Trabalho, desemprego e envelhecimento**. Texto, s/d.

MARTÍNEZ, Julia Arcos. **Tratamiento de Residuos**: un problema medioambiental y socioeconómico. - texto, s/d.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho**: entre a emancipação e a precarização. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

ZACARIAS, Inez Rocha; BAVARESCO, Caren Serra. **Conhecendo a realidade dos catadores de materiais recicláveis da Vila Dique**: visões sobre os processos de saúde e doença. Revista Textos & Contextos: Porto Alegre v. 8 n.2 p. 293-305. jul./dez. 2009.

<<http://comlurb.rio.rj.gov.br>> Acesso em: 23 set. 2010.

# Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 17 – 2015  
Revista da RET  
Rede de Estudos do Trabalho  
[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)

<<http://www.ethos.com.br>> Acesso em: 28 set. 2010.

<<http://www.itapema.sc.gov.br>> Acesso em: 8 set 2010.

<<http://www.lixo.com.br>> Acesso em: 15 set. 2010.